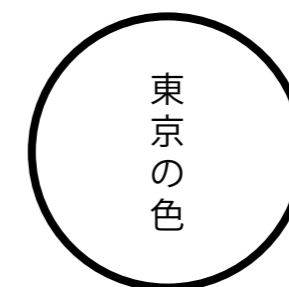




*"Japan's Colors – a designer's experimental journal"*

**Uma Narrativa de Viagem**



*"Japan's Colors – a designer's experimental journal"*

**Uma Narrativa de Viagem**

**Relatório de Projeto**

Mestrado de Design Gráfico e Projetos Editoriais

# 謝辞

## Agradecimentos

Agradeço à minha família e amigos e professores que me apoiaram e ajudaram no que puderam nesta luta contra o tempo.

Um agradecimento especial à família Endō, que me acolheu nos dias que passei em Tokyo.

Obrigada!

I thank my family and friends and teachers who supported and helped me in what they could in this fight against time.

Special thanks to the Endō family, who welcomed me during my days in Tokyo.

Thank you!

# 要約書

## Resumo

Este projeto "Japan's Colors – a designer's experimental journal" é uma narrativa visual e experimental, resultante de uma viagem ao Japão, de 12 de Maio a 9 de Junho de 2019. Trata-se de um objeto editorial que desenvolvi durante e após a viagem.

O seu conteúdo contempla a tipografia japonesa e a tão conhecida arte da sua caligrafia (Shodō), técnicas gravura japonesa (Ukiyo-e), e um foco especial no design Japonês e na cultura tradicional de Tokyo.

O objetivo deste projeto, para além do crescimento pessoal e como designer, é transmitir a minha experiência através dos métodos da cultura tradicional japonesa com me mais me identifiquei.

## Palavras-chave

Design Editorial; Design Gráfico; Tokyo; Diário de viagem; Narrativa Visual.

## Abstract

This project "Japan's Colors - a designer's experimental journal" is a visual and experimental narrative resulting from a trip to Japan from May 12 to June 9, 2019. It is an editorial object that I developed during and after I travelled.

Its contents include Japanese typography and the well-known art of its calligraphy (Shodō), Japanese engraving techniques (Ukiyo-e), and a special focus on Japanese design and the traditional Tokyo culture.

The purpose of this project, in addition to personal growth as a person and as a designer, is to convey my experience through the methods of traditional Japanese culture that I identified with most.

## Key-words

Editorial design; Graphic design; Tokyo; Trip diary; Visual narrative.

# 索引

## Índice

- 05 • Agradecimentos
- 07 • Resumo e palavras-chave
- 07 • Abstract and key-words
- 11 • Introdução
  
- 13 • Enquadramento e fundamentação
  - 14 • Em Tokyo — Cultura Japonesa como conteúdo
    - 14 • A Língua japonesa
    - 14 • Shodō
    - 16 • Ensō - Círculo Zen
    - 18 • O Japonês moderno
    - 21 • Monogatari
    - 24 • Sanja Matsuri
      - 26 • Omikuji
    - 28 • Ukiyo-e
    - 32 • Kintsugi
  - 33 • Design Japonês
    - 35 • Influências
    - 35 • Kenya Hara
    - 36 • Kohei Sugiura
    - 37 • Tsuguya Inoue
  - 38 • Livro no Japão
  
- 41 • “東京の色 — *Japan's Colors - a designer's experimental journal* “
  - 42 • Planeamento e Metodologia
  - 42 • Processo criativo
  - 42 • Escolha do formato
  - 43 • Organização da publicação
  - 44 • Tipografia
  - 45 • Expressão visual
  - 45 • Objeto Final
- 47 • Considerações finais
  - 47 • Conclusões gerais
  - 47 • Conclusões à cerca do projeto
- 49 • Referências bibliográficas
  - 49 • Bibliografia
  - 49 • Web
  - 51 • Imagens

# 紹介

## Introdução

Este relatório é uma narrativa de viagem relativamente à publicação "Japan's Colors – a designer's experimental journal", criada como Projeto Final no âmbito do Mestrado de Design Gráfico e Projectos Editoriais, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Nela incluo a pesquisa e o relato de experiências importantes na criação deste projeto.

Como o próprio nome indica, este projeto é uma espécie de diário de viagem, em que relato a minha visita a Tokyo através de narração escrita, e visual.

Culturalmente, o Japão sempre foi daqueles países que eu tinha de visitar, pelo menos uma vez na minha vida. Porque a ideia que eu tinha da sua cultura fascinava-me de forma indescritível. Tanto que, há cerca de três anos, comecei a aprender japonês.

Decidi então juntar o útil ao agradável, e planeei uma viagem ao Japão, viagem essa que serviria de base para o meu projeto de mestrado. Como inicialmente o projecto se ia chamar 'Japan's Colors', eu não visitei apenas Tokyo, estive também em Kyoto e Osaka. O título mudou para Tokyo's Colors porque para além de ter sido o sítio onde passei mais tempo — por isso o que conheci e compreendi melhor — foi o que eu mais gostei e onde eu aprendi mais coisas.

Antes da viagem, que levei muito tempo a planear, criei um itinerário de tudo o que queria visitar nas cidade e uma vez lá, apercebi-me que seria impossível completa-lo. Tinha demasiada coisa para fazer e muito pouco tempo. Sou capaz de ter visitado cerca de dois terços do que planeava ter visto, por isso vou ter de voltar lá para acabar a visita. Aí, talvez faça um "Tokyo Colors – part two".

Não sei até que ponto é que este é um projeto comum, visto que muitas das coisas que incluí na pesquisa são coisas que aprendi na rua a falar com pessoas que não conheço, e em galerias e em museus e também com a família que me acolheu, por isso tudo o que descrevi foi o meu ponto de vista das coisas. Não há nenhuma verdade absoluta neste projeto, só a minha perspectiva e emoções dos acontecimentos em Tokyo.

Pode-se dizer que o objetivo deste projeto e relatório é um tanto egoísta. Não há nada como aprender e ver coisas novas, para além de ser designer, é isso que eu quero continuar a fazer sempre: encher os meus olhos de maravilhas, e aprender com as culturas e os mestres do mundo. E apesar de este projeto ter sido feito a pensar exclusivamente em mim, há sempre a parte boa de poder partilhar a experiência com quem quiser ouvi-la/lê-la.

# 背景と推論

## Enquadramento e fundamentação

Atualmente, vivemos num mundo muito pequeno. Está tudo à distância de um 'clique'. O mundo está contaminado pelo excesso de informação, e é muito fácil que uma pessoa se perca.

Mesmo assim, crescemos influenciados pela nossa própria cultura, e quando outras culturas nos são apresentadas, é sempre com o filtro da nossa que olhamos as outras.

A ideia de ficar um mês no Japão e em casas de famílias japonesas foi uma tentativa (dentro do orçamento que tinha de viagem) de ver o Japão com o mínimo de filtro possível. Resultou melhor do que esperava, tendo em conta que não foi uma longa estadia. Claro que se tivesse ficado mais tempo, teria resultado ainda melhor, mas a prova de que resultou é que voltei para casa com maneirismos típicos japoneses (ao ponto de fazer as pessoas à minha volta gozar comigo). Mas, pensando bem, não foi assim tão inesperado. Cheguei a ter consciência dos meus sentidos a absorver tudo à minha volta, tal como uma esponja absorve água.

A família que me acolheu em Tokyo era muito grande. Jantávamos quase sempre todos juntos, sempre que estávamos à mesa falávamos (ou tentávamos falar) japonês, e à medida que o tempo foi passando, comecei a aprender tanto através das nossas conversas como em museus. Muito do conteúdo descrito neste relatório são coisas que aprendi a partir das pessoas que viviam comigo, numa conversa ao jantar, ou numa tarde de fim de semana a passear pela cidade.

## Em Tokyo — A Cultura Japonesa como conteúdo

Na publicação, narrei momentos e descrevi lugares que deixaram uma marca em mim e baseei-me em formas de cultura tradicional japonesa para criar o objeto final: O Japonês como língua e a sua caligrafia; a ideia de Ensō; os monogatari; festas religiosas; as formas de arte tradicionais como o Ukiyo-e e o Kintsugi; e é claro, o design gráfico e editorial. Formas essas que descrevo nos pontos a baixo.

### A Língua Japonesa

Como já foi referido, tenho vindo a ter aulas de japonês nos últimos três anos. Com isso, posso dizer que o sistema de escrita japonês tem um requinte peculiar, especialmente porque que é um sistema composto único no Mundo.

O Japonês é constituído por Kanji, caracteres chineses — modificados para a Língua Japonesa —, e Kana, uma forma simplificada e japonesa de kanji para sons silábicos, que coexistem em harmonia. O requinte peculiar vem, não só da discrepância de idades e história entre o Kanji (mais de 3500 anos) e o Kana (concluída e usada há pouco mais de 1000 anos), mas também da coexistência de dois sistemas de escrita que são visualmente muito diferentes.

Os Kanji existem desde o século V a.C., e são, na sua essência, iconografias projetadas para caber num quadrado. Enquanto Kana foram traçados valorizando a simplicidade e a fluidez (porque eram principalmente usados como notas de rodapé ou estenográficas).

É claro que com o tempo muitos elementos de ambos os sistemas foram lentamente simplificados, mas ainda assim estes dois sistemas de escrita contêm princípios estruturalmente opostos, como água e o azeite, yin e yang.

### O Shodō

Falando em língua Japonesa, não podia deixar de referir o Shodō — 書道 — que significa "o caminho da escrita" e é uma das formas mais famosas e reverenciadas na expressão artística da cultura japonesa.

A tradição do desenho dos kanji chegou ao Japão, vinda da China, no século VI d.C. e foi praticada por samurais, nobreza e pessoas comuns desde então.

O Shodō leva décadas a dominar e é tão ou mais valorizada do que as outras formas de arte japonesa, principalmente porque a sua prática é considerada mais do que uma arte. A técnica de caligrafia oriental foi amplamente influenciada pelo pensamento Zen. A caligrafia japonesa representa um momento espiritual meditativo que evoca harmonia e sabedoria, e foi passada de geração em geração, para enfatizar a beleza e o equilíbrio da escrita. Usando um fude — 筆 —, pincel de bambu, e Sumi — 墨 —, tinta desenvolvida a partir de fuligem de pinheiro, os mestres de Shodō pintam com um movimento espontâneo e fluído que se destina a manter um valor sagrado e unico em cada linha.

Existem duas maneiras para segurar um pincel: No Tankoho, o pincel é segurado como um lápis, usando o polegar, o dedo indicador e o dedo médio; No método Sokoho, os artistas adicionam o dedo anelar.

Os traços horizontais são escritos primeiro, salvo raras exceções, e o texto é escrito da esquerda para a direita, do topo para o final da pagina.



1. Exemplos de caligrafia da Língua Japonesa, pintados por mim.

A variedade e dinamismo são aspectos muito valorizados no ofício. Um único trabalho normalmente exhibe uma mistura de diferentes estilos de traços.

Como muitas das artes japonesas, a caligrafia foi introduzida no Japão a partir de outra cultura. À medida que o tempo passou, os japoneses adotaram a prática e tornaram-na sua, desenvolvendo novos estilos e técnicas. Hoje, é considerada uma das formas de arte mais requintadas e belas da cultura japonesa.



## Ensō — Círculo Zen

Dentro do Shodō, existem outras formas de expressão, para além de pintar caracteres. O Ensō — 円相 (enshō) —, literalmente o "círculo", é um círculo desenhado à mão em uma ou duas pinceladas soltas. E representa o momento em que a nossa mente está livre para se expressar e criar. Geralmente, o Ensō é pintado num golpe fluído e expressivo e uma vez desenhado, não se deve corrigir ou fazer de novo. A forma como pintamos o Ensō representa o nosso estado de espírito naquele breve período de tempo e tentar corrigir ou repetir é o mesmo que dizer a nós mesmos que o nosso presente Eu está errado, e isso não é o que o Zen ou o Ensō representam.

Pintar Ensō é uma prática disciplinada e criativa da pintura japonesa. As ferramentas e a mecânica são as mesmas do Shodō.

O círculo pode ser desenhado aberto ou fechado.

Quando está aberto, o círculo é incompleto, permitindo crescimento e desenvolvimento; a procura de perfeição. Os praticantes do Zen relacionam esta idéia ao Wabi-sabi — 侘寂 —, uma percepção do mundo centrada na aceitação da imprecisão e da efemeridade. A sublimidade da imperfeição. É um conceito derivado do ensino Budista que se foca nos três símbolos da existência (sanbōin) — 印印 — Impermanência: 無常 mujō; sofrimento: 苦 ku; e Vazio: 空 kū. O Wabi-sabi defende que para saborearmos a felicidade, precisamos de conhecer a trsiteza.

Quando o círculo é fechado, representa a perfeição. O momento em que nos sentimos plenos e não mudávamos nada.

Os mestres Zen afirmam que não há explicação para um Ensō. É algo que só pode ser experimentado. Quem pratica a arte do Ensō afirma que é ao mesmo tempo simples e difícil, porque apesar de simples quem é que consegue fazer um círculo absolutamente perfeito?

Sucintamente, o Ensō simboliza a força e a fragilidade, o universo e o nada. Enso é o Sol que nasce e se põe todos os dias; é o início e o fim; é o círculo da vida.

## Sumi-e — 墨絵 — o caminho do pincel

O Zen é a procura da natureza da mente pelo que ela é. A prática do despertar da nossa verdadeira natureza.

Na nossa vida nada dura, nada é completo e nada é perfeito. O Ensō envolve uma pincelada única, não repetitiva e incompleta, que não depende da 'perfeição'. E nessa ausência de perfeição, a realidade é instantânea e totalmente expressa.

Todos os Ensō são diferentes uns dos outros — expressando a singularidade de cada momento. Quando é desenhado um novo, o anterior é deixado para trás. Essa transição é a representação da efemeridade.

Pintar um Ensō é idêntico na teoria e na prática. Um Ensō é desenhado com apenas uma chance de execução até à sua conclusão. Fazê-lo de novo ou corrigi-lo, faz com que perca todo o seu sentido, deixando por isso de ser um Ensō na sua essência. Por isso, requer uma forte capacidade de concentração e estar totalmente presente no momento. No entanto, é preciso que o movimento e a execução sejam fluidas. Não é Zen pausar entre uma pinceladas com objetivo de atingir um resultado perfeito.

O Ensō não tem a ver com habilidade ou com prática.

Qualquer Ensō é válido.

Ensō é a aceitação do resultado. E do presente.

A beleza disto é que nenhum Ensō é errado. Até a imperfeição do iniciante é perfeita. O momento presente é perfeito. Está completo. É um círculo.



2. Dois exemplos de Ensō, desenhados por mim com uma semana de distância.

## Ensō — 円相 — no dia a dia

Não é preciso papel e um funde (pincel de shodo) pra criar um Ensō. Este pode ser desenhado em qualquer sitio: na areia, ou até o ar. O importante desta prática é a concentração e consciência do presente.

Devemos focar-nos e saborear o momento presente, porque é o único que importa.

*"If each moment is our entire life, how dare we kill time? If each stroke is our entire breath, how dare we correct it?" \**

Kazuaki Tanahashi, Brush Mind

*\* "Se cada momento representa a nossa vida, como é que nos atrevemos a 'fazer tempo'? Se cada traço representa a nossa respiração, como é que nos atrevemos a corrigi-lo?" \**

## O Japonês moderno

Seguindo a linha do que foi relatado anteriormente, o japonês moderno usa uma combinação de kanji e kana silábico. O próprio kana é uma combinação de dois sistemas silábicos: hiragana, usado principalmente para palavras e elementos gramaticais japoneses nativos ou naturalizados, e katakana, usado para nomes e palavras estrangeiras, empréstimos, onomatopéias, nomes científicos e, às vezes, para enfatizar. Quase todas as frases japonesas escritas contêm uma mistura de kanji e kana.

Vários milhares de kanji são usados regularmente. A língua falada conta com cerca de dois mil kanji para uma conversa básica no dia a dia, no entanto o número cresce até os cinquenta mil (dos quais muitos estão a cair em desuso, mas a maioria não). Mas o pior (ou o melhor — artisticamente falando) do kanji japonês é que cada caractere tem um significado intrínseco (ou uma gama de significados) e a maioria possui mais de uma forma de pronunciar, cuja escolha depende do contexto da frase. O número de elementos e traços que compõem um Kanji é variável — de um, a oitenta traços —, e são projetados para caber todos no mesmo quadrado. Como resultado, visualmente, cada Kanji tem um peso e significado icônico diferente.

Por exemplo o Taito, é um kokuji — 国字 — (kanji inventado no Japão) e é considerado a lenda entre os kanji.

O Taito é composto de dois kanji: “nuvem” — 雲 — e “dragão” — 龍 — — repetidos três vezes cada um para um total de seis caracteres e tem o significado de “um dragão a flutuar nas nuvens”. É também uma ligadura formada de 雲 (tai) e 龍 (tō).

Inicialmente, apresentei-o como a “lenda” entre os kanji, primeiro, porque é absurdamente complicado de escrever, tendo oitenta e quatro traços (com a minha pouca experiência em Japonês, nem um kanji com pouco mais de vinte traços consigo escrever correctamente), e, é claro, existem duas versões possíveis do mesmo kanji. Segundo, porque não está incluído no Dai Kan-Wa Jiten — 大漢和辞典 — (um dicionário japonês de kanji, famoso pelo seu tamanho e abrangência, composto por mais de 50.000 caracteres e 530.000 palavras), ou seja, Taito é literalmente considerado uma lenda, um kanji que até a maioria do povo japonês desconhece existir e que não tem qualquer fundamento de verdade.

Na “Etimologia de sobrenomes” — 語源 —, um livro de 1981, contém uma pequena história sobre o kanji: Um dia, um jovem apareceu numa agência ligada ao mercado financeiro, comprou uma grande quantidade de ações em dinheiro e mostrou à equipa pela qual foi atendido um cartão de visita com o kanji escrito. No entanto, no livro é bem explícito que se trata de uma história passada de boca em boca. Um boato, de um boato, de um boato. Porque a verdade é que não há existência do nome da pessoa registrado no Koseki — 戸籍 — registo dos nomes das família japonesas. É definitivamente possível que houvesse, ou haja, alguém com o nome 雲龍 (Taito). No entanto, a o kanji com a junção dos dois caracteres nunca foi registada.

Os kanji mudam de som/significado consoante o contexto da frase ou da conjugação com outro kanji.

Há também kanjis muito parecidos e kanjis que nasceram a partir de outros kanji, o que na minha opinião torna o japonês muito mais poético.

日<sup>ひ</sup> 日<sup>に</sup>  
本<sup>ほん</sup>

木<sup>き</sup> 本<sup>ほん</sup>

4. Mudança de som: O Kanji da esquerda lê-se ‘Hi’, e tem o significado de sol/dia, mas quando é emparelhado com o Kanji da direita (Kanji de livro ‘hon’), passa a ler-se ‘Ni’, formando a palavra ‘Nihon’: Japão.

5. Kanjis criados a partir de outros: O Kanji da esquerda lê-se ‘ki’ e significa árvore. Com alguma imaginação até conseguimos destiguir a forma de uma árvore. O kanji mais à direita significa livro, lê-se ‘hon’, e representa claramente, uma árvore a ser cortada.

Hoje em dia, o kana — hiragana e katakana — contém quarenta e seis caracteres básicos, ou setenta e um, cada um, se incluirmos os ten-ten (um símbolo acrescentado ao carácter para mudar o seu som, um pouco como a acentuação no Português, mas que em vez de A ou Á a mudança é mais drástica Ha transforma-se em Ba). Ao contrário do kanji, esses caracteres representam intrinsecamente apenas sons; transmitem significado apenas como parte das palavras. Originalmente, os caracteres de hiragana e katakana também derivam de caracteres chineses, mas foram simplificados e modificados a tal ponto que as suas origens deixaram de ser visualmente óbvias.



3. Kanji 'Ichi' que é representado com um só traço, em comparação com o Kanji 'Taito', que tem oitenta e quatro traços. Ambos desenhados e fotografados por mim.

あ	い	う	え	お	か	き	アイ	ウ	エ	オ	カ	キ	央	平	申	世	由	氷	主				
く	け	こ	さ	し	す	せ	ク	ケ	コ	サ	シ	ス	セ	皮	皿	礼	両	曲	向	州			
そ	た	ち	つ	て	と	な	ソ	タ	チ	ツ	テ	ナ	全	次	安	守	式	死	列				
に	ぬ	ね	の	は	ひ	ニ	ヌ	ネ	ノ	ハ	ヒ	フ	羊	有	血	住	助	医	君				
ふ	へ	ほ	ま	み	む	め	ヘ	ホ	マ	ミ	ム	メ	モ	坂	局	役	投	対	決	究			
も	や	ゆ	よ	ら	り	る	ヤ	ユ	ヨ	ラ	リ	ル	レ	豆	身	返	表	事	育	使			
れ	ろ	わ	ぬ	を	ん	ロ	ワ	ヌ	を	ん	口	ワ	キ	エ	ヲ	ン	命	味	幸	始	実	定	岸

6. Kana (Hiragana e Katakana) e Kanji, ordenados da esquerda para a direita respetivamente.

Devido a esta mistura e por causa da vasta quantidade de kanji (e leituras variadas para cada caracter), o sistema de escrita japonês é considerado um dos mais complicados em qualquer lugar do mundo.

No entanto, e apesar de a junção Kanji-Kana parecer confusa e desordenada, através do olho humano têm uma legibilidade natural e tem um dinamismo obtido pelas várias tonalidades de claro e escuro, que nenhum outro sistema de escrita tem.

と  
思  
い  
ま  
す  
。  
リ  
タ  
は  
日  
本  
語  
は  
難  
し  
い

7. Típica frase em Japonês com junção de Katakana, Kanji e Hiragana.

'A Rita acha a língua japonesa complicada.'

### Monogatari



8. "God Izanagi and Goddess Izanami" de Nishikawa Sukenobu (1671-1751)

Doado ao Museu Metropolitano de Arte, Nova York em 2015.

Como praticamente tudo na cultura japonesa, grande parte dos Monogatari — 物語 —, conto de fadas japonês, contém influências e inspiração nas crenças religiosas Japonesas.

As características dos contos populares são variadas, mas, como em todas as histórias infantis, os contos têm como base felicitar as boas ações e punir as más. Como os Irmãos Grimm e as histórias de outros contadores de histórias famosos no Ocidente, os contos populares do Japão apresentam temas como bondade, magia e ganância. O folclore japonês é muito famoso por incluir histórias sobrenaturais com criaturas, espíritos e monstros, muitos dos quais com características da Natureza.

Semelhante ao folclore da Alemanha e da França, os contos populares japoneses começaram na tradição oral e foram escritos para a posteridade.

Acho relevante narrar os dois monogatari que me foram contados depois de um belo jantar na casa onde dormi em Tokyo.

O primeiro Monogatari é um dos contos mais antigos do Japão, descrito no Kojiki, — um registro da linhagem da Família Imperial até a Imperatriz Suiko (593 - 628 d.C.) em que são relatados eventos que aconteceram durante o reinado de cada imperador, dos quais são difíceis distinguir os mitos e lendas dos factos históricos — e conta como o Japão e depois resto do mundo foram criados:

A História de Izanagi e Izanami.

*"Era uma vez, quando o mundo ainda era jovem e flutuante, dois deuses, Izanagi no Mikoto e Izanami no Mikoto. Depois de comandados pelos deuses primordiais para criar a Terra, os dois estavam na ponte flutuante do céu, e atiraram uma lança de jóias celestiais para mar. O sítio onde a lança transpassou a água transformou-se numa ilha onde os dois realizaram um ritual de casamento. Izanami deu à luz as ilhas do Japão e aos deuses do mar, rio, montanha, campo, árvore, pedra, entre outros. Mas quando o deus do fogo nasceu ela foi queimada e morreu.*

*Izanagi seguiu Izanami até Yomi no Kuni (a Terra dos Mortos) para pedir que ela voltasse. Ela concordou em pedir aos deuses de Yomi para voltar ao mundo dos vivos, mas advertiu Izanagi que não a procurasse no mundo dos mortos outra vez.*

*Impaciente pelo retorno de Izanami, ele entrou no palácio dos deuses Yomi, apenas para encontrar o corpo dela terrivelmente deformado. Com o coração despedaçado, ele fugiu de Yomi no Kuni. Carregando com ele a vergonha de ter ignorado o aviso de Izanami, ele bloqueou a saída de Yomi com uma grande pedra, para que nunca ninguém conseguisse sair daquele mundo horrroso.*

*Para se purificar, banhou-se no rio Misogi. Ao limpar o seu olho esquerdo, nasceu Amaterasu Omikami (Deusa do Sol); Tsukushi no Mikoto (deus da lua) nasceu do olho direito, e Susano no Mikoto (deus das tempestades) nasceu do nariz. Izanagi atribuiu a Amaterasu o domínio da Alta Planície do Céu, a Tsukushi no Mikoto o Reino da Noite e a Susano no Mikoto a Planície dos Mares.*

*E assim nasceu o Japão e seu mundo circundante."*

Grande parte da história japonesa é marcada por uma afinidade especial com a terra, mesmo atualmente, faz parte do dia-a-dia dos Japoneses. E quem visitou qualquer cidade no Japão sabe a que me refiro. As pessoas tendem a ter uma visão respeitosa e reverente do meio ambiente e pelo modo como ele sustenta suas vidas: não há quase caixotes do lixo na rua, no entanto não se vê lixo no chão; os jardins são construídos de forma a esconder a mão humana; etc.

O mito sobre o nascimento dos deuses relaciona-se com vários temas recorrentes na literatura e cultura japonesas. A cultura japonesa coloca a busca pela harmonia entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza no centro. O sistema honorífico do povo surgiu a partir desse mesmo valor.

Os contos japoneses têm semelhanças com os ocidentais, mas, ao contrário destes, a literatura japonesa equilibra a maioria das vezes a felicidade com a tristeza. A felicidade não pode ser entendida sem tristeza. Muito poucas histórias terminam com "e viveram felizes para sempre", dando ao "moral da história" uma visão clara da realidade.

O outro monogatari que me foi contado é também considerado um dos primeiros do Japão, é a história da *Kaguya Hime* — かぐや姫 — ou *O Conto do Cortador de Bambu* — 竹取物語.



9. "Kaguya-hime no Monogatari", de Takahata, Estúdio Ghibli em 2013

A primeira vez que tive conhecimento deste monogatari foi quando assisti ao filme animado "Kaguya-hime no Monogatari" (O conto da Princesa Kaguya), de Takahata, lançado pelo Estúdio Ghibli em 2013.

Visualmente, o filme é deslumbrante. A animação foi desenvolvida com uma combinação de traços pretos fortes e a pouca cor que contém é em tons suaves e pastel. O movimento e energia do filme é indescritível, visto que os traços e composições são frequentemente mudados consoante o ponto da história. Não é apenas uma animação que conta uma narrativa. As próprias linhas dos desenhos expõem os sentimentos das personagens.

É uma animação completamente diferente da que estamos habituados a ver nos filmes Ghibli, e no entanto tem um estilo que de alguma forma remete para as bases da arte e caligrafia japonesa.

"Kaguya-hime" é um monogatari conhecido por todos os japoneses, e tem semelhanças com o conto de fadas "Polegarzinha" principalmente porque conta a história de um velho cortador de bambu que repara num bambu estranhamente brilhante na floresta e encontra lá dentro uma menina do tamanho do seu polegar.

A partir daqui a histórias diferem completamente.

*"(...)Ele e sua mulher dão-lhe o nome Kaguya e decidem criá-la como se fosse sua filha. A menina cresce rapidamente, como um bambu, e por isso as outras crianças da aldeia começam a chamar-lhe "Takenoko" (Bambuzinho).*

*O cortador de bambu encontra no bosque ouro e tecidos finos, no mesmo sitio onde encontrou Kaguya. A partir daí as suspeitas que ele e a mulher tinham de que a filha era uma criatura divina foram confirmadas, e por isso mudaram o seu estilo de vida de forma a dar-lhe o que (pelos seus padrões) seria uma vida adequada à sua natureza divina. Por essa mesma razão, os pais de Kaguya decidem mudar-se para uma mansão repleta de criados, na capital, forçando Kaguya a deixar para trás todos os seus amigos.*

*Quando a menina atinge a maioridade, recebe o nome formal de "Princesa Kaguya" pela luz e vida que irradia dela. O seu pai organiza uma festa para celebrar o seu nome e a sua divindade.*

*Kaguya cresce também em beleza, atraindo pretendentes. Cinco nobres cortejam-na, comparando-a a um tesouro mítico. A princesa Kaguya diz-lhes que só se casará com quem lhe trouxer o tesouro mítico de que tanto fala. Dois dos pretendentes tentam convencê-la com falsificações. O terceiro abandona sua conquista por cobardia, e o quarto tenta cortejá-la com mentiras lisonjeiras. Quando um dos homens é morto na sua missão, Kaguya entra em depressão.*

*Eventualmente, até o imperador ouve falar dela. Espantado com sua beleza, ele tenta cortejá-la, mas isso revolta a princesa, e nesse momento ela desaparece como que por magia, surpreendendo o Imperador. O Imperador reconhece que deve deixar Kaguya para pensar no assunto e retira-se.*

*É então que Kaguya revela aos seus pais que é cidadã da Lua e que quebrou as leis de propósito para experimentar viver na Terra como mortal. Conta-lhes que quando o Imperador tentou cortejá-la, ela implorou à Lua por ajuda e que esta ouviu a sua oração, concedendo-lhe os seus poderes de volta, com a condição de ela retornar para casa, e que, por isso, ela vai voltar para a Lua durante a próxima lua cheia. Mas a princesa Kaguya não quer voltar para a Lua, porque ela adora a Terra, mesmo com todas as coisas más.*

*Kaguya volta à terra onde cresceu, e como presente de despedida para a sua melhor amiga, voam juntas pelo céu numa noite amena e estrelada.*

*Na noite da lua cheia, uma procissão de seres celestiais desce da Lua para conduzir Kaguya de volta. Um deus oferece a Kaguya uma túnica para apagar as suas memórias da Terra, mas ela implora-lhe um último momento com os seus pais. No entanto a túnica é colocada ao seu redor, o pedido não é concedido e ela parece esquecer sua vida na Terra.*

*No momento da partida o cortador de bambu e a sua esposa choram a perda da filha, que nunca se lembrará deles, mas Kaguya olha para trás uma última vez e chora silenciosamente quando reconhece o amor que irradia dos pais."*

Tal como "A História de Izanagi e Izanami", "A História da Princesa Kaguya" tem um final desgostoso, mas por causa desse final a dimensão de toda a felicidade e amor que a Kaguya experienciou foram duplamente ampliadas, deixando o leitor com um sentimento agridoce-muito mais poderoso do que qualquer final feliz.

## Sanja Matsuri



10. Sanja Matsuri, 2019, Asakusa; de "japan-guide"

Tendo em conta que um dos pontos fulcrais na arte japonesa são os templos majestosos e rituais religiosos, não podia deixar de incluir neste relatório a minha experiência num dos festivais maiores de Tokyo: O Sanja Matsuri.

Visitei o Sanja Matsuri — 三社祭 —, literalmente 'O festival dos três templos', a um Sábado. Não posso dizer com certeza, porque não visitei mais nenhum festival, mas dizem que é um dos melhores e maiores festivais do Japão, com cerca de dois milhões de espectadores presentes durante o período de três dias (Sexta feira, Sábado e Domingo), incluindo pessoas naturais de Tokyo, turistas japoneses e turistas internacionais de todo o mundo. Ao longo de três dias, os Mikoshi — 神輿 —, templos portáteis, são transportados em paradas, na zona de Asakusa — 浅草 —, Tokyo. Ao lado desses desfiles estão músicos, dançarinos e outros artistas vestidos com roupas tradicionais. À frente dos templos, é montado também um mercado que vende todo o tipo de iguarias tradicionais japonesas.

Visitar festival foi uma oportunidade absolutamente maravilhosa para experienciar, não apenas a cultura tradicional japonesa, mas também pelo verdadeiro espírito de comunidade local. O festival é dedicado a dois irmãos — Takenari e Hamanari Hinokuma — e a Hajino Nakatomo, pelo papel que tiveram na fundação e construção do Sensō-ji, o templo budista de Asakusa, o templo mais antigo de Tokyo.

Os três homens ficaram conhecidos como "Sanja-sama" e o festival ficou conhecido como Sanja Matsuri em sua homenagem. Acredita-se também que a origem do festival remete para 1312, por isso tive o prazer de testemunhar uma tradição cultural tão poderosa, que tem vindo a ocorrer ao longo de setecentos anos.

Por experiência própria, só sei o que vi no sábado, mas perguntei à mãe da família com quem eu vivi, se os dias eram todos iguais, e como a resposta foi negativa, pedi para que me descrevesse o que acontecia na Sexta feira e no Domingo.

Resumidamente, ao longo dos três dias, as ruas são inundadas de pessoas vestidas com trajes do período Edo e dançarinos, uma procissão de cem Mikoshi, templos portáteis, seguida de uma procissão de três grandes Mikoshi. Os Mikoshi são abençoados no templo de Sensō-ji e no templo de Asakusa e depois transportados pelos quarenta e quatro distritos de Asakusa, a fim de espalhar sorte e fortuna para as pessoas e empresas locais.

Na noite anterior ao primeiro dia, quinta feira, o sacerdote-chefe do Templo de Asakusa realiza um ritual para convidar os espíritos dos Sanja-sama para os três principais mikoshi, e, na Sexta feira, o Matsuri começa com um desfile composto por sacerdotes do templo, oficiais da cidade, gueixas, músicos e dançarinos vestindo trajes tradicionais que percorrem as várias áreas de Asakusa. De seguida há uma pequena cerimônia para abençoar os participantes do festival e um espetáculo acompanhado por instrumentos tradicionais de percussão japoneses conhecidos como — びんざさら — — Binzasara. No final da tarde, seis Mikoshi gigantes dos principais distritos são vangloriados pelas ruas.

No Sábado, segundo dia do Matsuri, as festividades continuam e cerca de cem pequenos Mikoshi são carregados pelas ruas de Asakusa. As ruas que envolviam o templo estavam sobrecarregadas de pessoas. Conversas, assobios, som dos 'Taiko' (tambores tradicionais) — 太鼓 —, pessoas vestidas com Yukata, kimono de verão, — 浴衣 —, rodeavam-me e ao resto audiência, banhando-nos com uma energia eletrificante e vibrante. E então, desfile começou. Cada Mikoshi foi transportado por um grupo de cerca de sessenta pessoas que gritavam em uníssono para se animar enquanto todos os espectadores nas ruas estavam ao rubro. Muitos homens e mulheres, e às vezes crianças, apareceram na marcha fazendo um esforço mutuo para carregar o Mikoshi numa espécie de dança uníssona. Segundo um senhor Japonês, com inglês impecável (pelos padrões japoneses), diz-se que o ritual Tamafuri — たまふり — movimentar o Mikoshi para cima e para baixo, para um lado e para o outro, em esforço comum, decorre há centenas de anos porque dissemina a boa sorte e traz saúde à terra e as pessoas, enquanto ao mesmo tempo, dá ao poder os Kamisama — 神様 —, deuses. Para transportar o Mikoshi, as pessoas ergue-no e pousam-no os ombros e seguram os postes de madeira à frente, com as duas mãos. Enquanto o Mikoshi avança, todos gritam "wasshoi! wasshoi!" para animar e encorajar os colegas de equipa, enquanto os espectadores batem palmas e gritam também. O senhor Japonês explicou-me também que fazer parte de um grupo que carrega o Mikoshi não é apenas uma questão de exercício, ou força e resistência, ou mesmo de sacrifício para os deuses; É uma questão de realizar uma tarefa difícil em conjunto, que seria impossível realizar sozinho. À medida que o dia terminava, os vários grupos e os seus Mikoshi aglomeraram-se no templo de Asakusa e passearam os Mikoshi quase como se competissem pela nossa atenção.



11. Sanja Matsuri, 2019, Asakusa; de "japan-guide"

O último dia do festival, Domingo, começa muito cedo no Templo de Asakusa, todos os grupos que carregavam Mikoshi no dia anterior competem entre si pela honra de transportar um dos três grandes Mikoshi que representam os Sanja-sama. Se os de Sábado me pareceram pesados, estes Mikoshi, pela descrição que me foi dada, são realmente muito grandes e pesam pelo menos uma tonelada. Por volta das oito da manhã, os três grandes Mikoshi partem do santuário e viajam em rotas separadas na zona de Asakusa durante o dia todo. Os Mikoshi do dia anterior também estão presentes nas ruas, no Domingo.

Os Mikoshi variam de tamanho. Os que são carregados somente por crianças pequenas são obviamente muito mais pequenos e leves, em comparação com os Mikoshi de adultos, e depois há os mais pesados que são os que representam os Sanja-sama, no Domingo. Pesos à parte, um Mikoshi são belos e ricamente trabalhados com ouro, e chegam a valer cerca de mil e quinhentos euros cada.

As pessoas que transportam os Mikoshi veste por norma um Hanten — 褌 —, casaco curto tradicional. Normalmente, esse Hanten é mais espesso do que o normal, o que é compreensível, porque, caso contrário, ia haver muito pouca proteção para que carregava o Mikoshi. As pessoas podem competir como sete cães a um osso para poder carregar um Mikoshi de um dos três Sanja-Sama, mas a segurança está primeiro e é óbvio que ninguém se quer magoar. Por baixo do Hanten, normalmente usam Fundoshi — ふんどし —, uma roupa interior tradicional japonesa que acrescenta apoio e conforto. O toque final na toalete, é o uso de Tabi tradicional — 足袋 —, um tipo de calçado que faz lembrar os sapatos dos ninjas e samurais.

Estar presente no Sanja Matsuri, no ano de 2019, foi uma das experiências mais belas e mais memoráveis da minha viagem a Tokyo, e da minha vida.

## Omikuji

Omikuji — おみくじ —, literalmente “fortuna”, é a sorte escrita. Pode ser obtida em santuários e templos no Japão.

No Japão antigo, a sorte era um meio muito comum para resolver questões políticas, de forma a perceberem qual a vontade dos Kamisama — 神様 —, Deuses, para escolher o próximo sucessor governante, por exemplo.

Na Era Heian — 平安時代 — (794–1185), diz-se que foi um monge Budista, chamado Ryougen — 良源 —, que criou um sistema/modelo semelhante ao estilo atual de Omikuji. Tanto, que existe, em frente ao portão de Ganzandaishido, um monumento de pedra onde está escrito: “O local de nascimento de Omikuji”.

Só passado algum tempo, na Era Kamakura — 鎌倉時代 — (1185 - 1333), é que o Omikuji foi pensado para as pessoas do povo individualmente. Desde então, Omikuji tornou-se uma tradição japonesa que ainda é praticada nos dias de hoje.

Eu li a minha sorte no Templo Senso-ji, em Asakusa.

Omikuji tem todo um ritual para ser obedecido. Geralmente, exige uma pequena oferenda (cem yen). Depois do pagamento, pega-se na caixa de metal, sacode-se na esperança de mudar a sorte, se estafor má, e vira-se a caixa ao contrário. A caixa tem uma pequena ranhura de onde sairá um pau pequeno, relativamente parecido com os pauzinhos para se comer, com um número esculpido. Esse número corresponde a uma gaveta específica que contém a nossa sorte — Omikuji — no interior.



12. Omikuji presos em ramos de árvore no Templo no castelo de Osaka-Jo, Osaka, Japão. Fotografia tirada por mim.

Existem varios tipos de fortuna, estes vão desde a Daikichi — 大吉 —, ‘Grande benção’, que como o nome indica é a melhor sorte que se pode ter, até à Daikyō — 大凶 —, ‘Grande Maldição’.

Quando a fortuna é boa, os japoneses têm a tradição de carregar o Omikuji com eles, porque simboliza que a sorte está com eles. Quando a fortuna é má ou não tão boa, reza a tradição que se deve amarrá-la em árvores ou, no caso de Asakusa, uma espécie de grade desenhada para esse efeito, como símbolo de que estamos a deixar a nossa má sorte para trás à espera de encontrar melhor.

Em todo o caso, achei o espírito e conceito do Omikuji muito positivo. As pessoas acreditam na sorte, mas se a sorte for má, também acreditam que está nas mãos delas deixa-la para trás à procura de melhor.

## Ukiyo-e

A palavra Ukiyo-e — 浮世絵 —, literalmente traduzido como 'pinturas do mundo flutuante', refere-se a gravuras japonesas que originalmente retratavam o dia-a-dia nas cidades importantes, durante o Período Edo. Retratavam principalmente as atividades de lazer e o clima da época, mas também representam a estética japonesa da beleza, poesia, e paisagens naturais icônicas, como o Monte Fuji. Ao combinar uki — 憂き — para tristeza e yo — 世 — para a vida, a palavra ukiyo-e refletia originalmente o conceito budista de que a vida é uma ilusão transitória que envolve um ciclo de nascimento, sofrimento, morte e renascimento. Mas, ironicamente, durante o início do período Edo, outro Kanji — 浮 — que significava "flutuar", e que se pronuncia da mesma forma que 憂き (uki), começou a ser usado como substituto. Assim, o termo Ukiyo acabou por se associar ao flutuar nos prazeres mundanos da vida, em vez de se associar ao mundo do sofrimento e tristeza.

As pessoas e os ambientes em que surgiram as classes mais altas tornaram-se os temas populares nos Ukiyo-e: lutadores de sumo; cortesãs; atores do teatro kabuki; gueixas; casas de chá; guerreiros e outros personagens da literatura e folclore da época.



13. Comb, Utamaro, 1798



14. Hara, 13th station of The Fifty-three Stations of the Tōkaidō, Hiroshige, 1833-34

Ukiyo-e foi também uma das primeiras formas de arte japonesa a atravessar os oceanos para a Europa e para a América, resultado da abertura do comércio entre os países. A influência que teve sobre o Ocidente ficou conhecida como japonismo. Esta é facilmente observável pela estética Japonesa que vemos em muitos artistas e movimentos ocidentais, como o impressionismo, a Art Nouveau e o modernismo.

### Caso de estudo

No museu da Impressão de Tokyo, pude observar o processo do Ukiyo-e, e tentei reproduzi-lo quando voltei para Portugal. Há coisas que obviamente faltam, como a repartição das fases do processo por diferentes Mestres, visto que fui eu que fiz tudo, e também há claro o facto óbvio de eu não ser Mestre em nenhuma das fases. No entanto o resultado foi satisfatório e fez-me valorizar este estilo de arte ainda mais profundamente.

Ukiyo-e é composto por um processo colaborativo de impressão de quatro pessoas: Os Eshi — 絵師 —, o Horishi — 彫師 — e o Surishi — 刷り師 —, sempre sob a supervisão de um Hanmoto — 版元 —, o editor. A quantidade de esforço e tempo posta no desenvolvimento de um Ukiyo-e é extraordinária.

O processo começa com a solicitação do projecto pelo Hanmoto, o editor. O Eshi (pintor) cria um esboço chamado Gako, depois, usando apenas tinta preta, cria o esboço final, conhecido como Hanshita-e. Com base neste esboço final, o Horishi (escultor) esculpe no bloco de madeira. De seguida, o Eshi desenvolve o Irosashi, a instruções de cores, e participa do processo de impressão que se segue. O Horishi (escultor) esculpe tendo como base o trabalho do Eshi e de acordo com o Irosashi. Finalmente, o Surishi (impressor) imprime o bloco de madeira esculpido no papel para completar o Ukiyo-e. Calcular o equilíbrio geral da impressão e os ajustes finos do bloco de madeira, do papel e da tinta são funções importantes no trabalho do Surishi. Ao imprimir, a cor mais clara com a menor área deve ser impressa primeiro, com a ordem mudando para cores mais escuras e áreas maiores para obter o acabamento desejado.



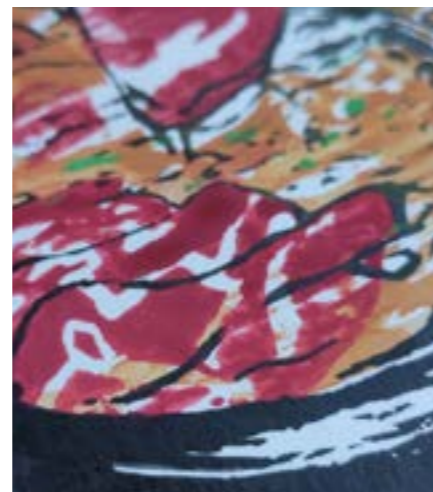
15. Ukiyo-se no Metropolitan Museum of Art (JP1847);  
Artista Katsushika Hokusai;  
1829-1833

No caso de estudo, eu fiz o papel de Hanmoto — 版元 —, de Eshi — 絵師 —, de Horishi — 彫師 — e o de Surishi — 刷り師 —.

Como Hanmoto, o tema que escolhi foi mundano, mas também tradicional, e que tem a ver com os prazeres da cultura japonesa: a Culinária. Escolhi retratar um prato de comida japonês chamado Shabushabu — しゃぶしゃぶ — que consiste em carne e legumes em fatias finas, fervidas em água e ou caldo com sabores variados e com molhos. O termo Shabu-shabu é uma onomatopeia, criada a partir do som emitido pelos ingredientes quando são agitados na panela. De todas as comidas japonesas que provei, Shabushabu foi a que apreciei mais e foi essa a razão pela qual eu escolhi representá-la.

O meu papel como Eshi não teve muito que saber. Criei um esboço da composição, seguida pelo desenho final.

Chegando à parte complicada, esculpi, como Horishi, o desenho final na tábua de madeira. E seguida decidi que ia fazer apenas três layers mais (apenas porque um Ukiyo-e japonês têm em média quinze). Esculpi então as restantes.



17. Detalhe do resultado final do Ukiyo-e "Shabushabu"



16. Quatro fases de madeira de pinho cravada, colorida com as cores impressas.

Depois da parte mais trabalhosa, veio a parte mais complicada: ser o Surishi. Pode parecer fácil, mas não é. Obter o resultado pretendido nesta fase foi definitivamente complicado. Tão complicado que mesmo agora, depois de tantos testes, ainda não consegui o Ukiyo-e perfeito que pertencia devido à parte da impressão.

Apesar das farpas espetadas, das tendinites e dores no corpo, e de o resultado final não ser brilhante, fiquei muito satisfeita quando dei por terminado o percurso pelo 'mundo flutuante'.



18. Resultado final do Ukiyo-e "Shabushabu"



## Kinstugi

Foi em Kyoto, onde me deparei com esta forma de arte pela primeira vez, e apaixonei-me. É claro que também encontrei muitos exemplares em Tokyo, mas foi em Kyoto, na galeria tradicional de Arts and Crafts que aprendi mais sobre o tema.

Kintsugi — 継ぎ —, "junção de ouro", também conhecido como Kintsukuroi — 繕い —, "reparo de ouro", é a arte japonesa de consertar o que está partido, principalmente na área da cerâmica, reparando as áreas rachadas e ou partidas com uma mistura de ouro em pó, prata, ou platina. O mais interessante desta técnica, e o que mais me cativou nela, é o seu conceito. No mundo em que vivemos, tudo o que se parte vai para o lixo porque deixa de ter utilidade e até mesmo valor. Esta técnica japonesa representa um outro tipo de pensamento muito mais belo e poético: O que está partido não está estragado. Não se o reparamos. E não perde valor. Pelo contrário, ganha valor, porque é reparado com ouro. Eles tratam o estrago como parte da história do objeto, em vez de algo que deve ser disfarçado. Assim, ao serem reparados, os objetos ganham valor através das suas 'cicatrizes'.

A técnica consiste em unir fragmentos, dando ao objecto um aspecto novo e mais refinado, mas nunca de modo a esconder ou disfarçar as fraturas. Cada peça que passou pelo processo Kintsugi é única, devido à aleatoriedade com que a cerâmica se parte e aos padrões irregulares formados pelos pedaços. O objecto torna-se assim uma bela e única obra de arte, porque tem a sua própria história juntamente com um metal valioso, graças às rachas completamente aleatórias resultado do momento em que se partiu.



19. Tigela de cerâmica feita e pintada à mão, partida e reparada como técnica Kintsugi.

Reparada por Ruthann Hurwitz, 2018

## Design Japonês

Depois de vinte e nove dias no Japão, dos quais um terço do tempo passei dentro de galerias de design, e outro terço em constante contacto com publicidade, cheguei à conclusão que o design Japonês se tornou numa grande fonte de inspiração para mim. As cores ousadas, design de tipo exagerados, jogos visuais e dinâmicos e informação densamente compactada, são algumas das características típicas do design que me rodeou lá, que me vai influenciar cá.

A combinação de cores mais comum no design japonês é vermelho, dourado e preto, mas isso não impede os designers de usarem outras cores, mais vivas e mais impactantes nos seus projetos. Enquanto eu, como designer, sinto pressão para usar uma paleta de apenas duas a três cores, o uso da mistura de cores está fortemente enraizado nas obras expostas em galerias, nos transportes públicos e nas ruas de Tokyo em geral. Basta pensar nas cores vibrantes em Harajuku, ou nas ruas de Shibuya.

Não há o medo de sobrecarregar o design com cores que não combinam, porque é mesmo esse o objetivo. A cor traz vida e personalidade ao design Japonês e isso resulta em criações que não deixam de chamar a atenção. É claro que em galerias, os nossos olhos bebem estas cores inebriantes como alguém que está cheio de sede bebe água, mas no dia-a-dia e na balbúrdia de tanto design sobrecarregado de cores e blocos condensados de texto, começa a perder um pouco a leitura. Ao fim de poucos dias, dei por mim a reparar mais em design com uma paleta de cores mais suave, no meio da multidão de arco-íris.



20. Vários flyers e posters de exposições visitadas

Algo que gosto muito no design Japonês é a mistura da tipografia japonesa com o romanji — alfabeto latino. É muito recorrente haver designs escritos em Japonês misturado com Inglês. Voltando à minha opinião de que o Japonês é realmente uma língua escrita muito expressiva por si só, devido à mistura de kanji com kana, a junção do romanji traz uma energia e frescura diferente ao design. O contraste cria uma comparação intrigante das duas culturas e um design tipográfico altamente envolvente, principalmente quando se consegue ler ambas as línguas, mas mesmo não tendo a habilidade de compreender Japonês perfeitamente, é deslumbrante o objecto visual que nasce do casamento das duas.

É claro que tipografia na cultura de design japonesa é muito diferente da cultura no design ocidental. Isto acontece por múltiplas razões, sendo a mais óbvia a complexidade do sistema de caracteres japoneses.

Como já referi, o sistema de escrita Japonês é composto por Kana — setenta e um caracteres Hiragana e setenta e um caracteres Katakana —, e milhares de Kanji. É por isso necessário um trabalho colossal para criar uma tipografia em Japonês, razão pela qual a variedade e diferentes expressões de tipos na língua Japonesa não é de longe tão vasta quanto a nossa. No desenvolvimento de posters, ou capas de livros, é mais fácil e muito menos demorado simplesmente desenhar os caracteres para as palavras que vão ser usadas, do que criar um tipo de letra inteiro.

Também por isso, os designs não são tão formatados como os nossos. Os usos de elementos gráficos criados somente para um projeto fazem com que o objecto final seja muito mais personalizado e visualmente impressionante e singular, devido à sua natureza única e artesanal.

O trabalho com as mãos antes da passagem para o digital, também é claro. Muitos trabalhos demonstram as raízes históricas e técnicas tradicionais japonesas. Por exemplo, o traço de pincel é um motivo muito popular no design japonês, relacionando o design com o Shodō. Se bem, que na arte do Shodō e seguindo os ensinamentos do Ensō, as pinceladas são muito mais rudes e descontroladas, visto que nenhuma deve ser refeita, o uso das pinceladas no design é claramente mais controlada e definitivamente corrigida de acordo com a vontade do designer.

É também frequente o uso da pincelada na criação da tipografia, os contornos brutos das letras pintadas sob a ilustração ou fotografia cria um efeito verdadeiramente impressionante.

Outra tendência que observei com muita frequência no design gráfico Japonês foi o uso de gradientes coloridos. Como designer ocidental, sei como soa a frase que escrevi antes. À falta de melhor termo "Eww". Mas estava enganada. O gradiente no design Japonês é tão impressionante quanto o design que descrevi antes com caligrafia, talvez mais. As páginas pareciam ganhar vida e perante os meus olhos e dançar perante a minha estupefação.

Assim como na bandeira japonesa, os círculos são outro elemento recorrente no design gráfico japonês por serem um símbolo inerente de equilíbrio e harmonia, principalmente quando se trata de marcas e logotipos.

Esta valorização da simetria e do equilíbrio é evidente em muitos objectos de design gráfico japoneses e é geralmente expressa através do uso abundante de motivos circulares.

Para finalizar, quando a palavra "Japão" é mencionada, há muitas coisas em que pensamos, mas as probabilidades de uma dessas coisas ser relacionada com Anime (estilo de desenho animado japonês), manga (estilo de banda desenhada japonesa) e cosplay (hobby cujos participantes se mascaram de personagens fictícias da cultura pop japonesa) é bastante elevada. Isto porque a cultura pop japonesa é muitas vezes erradamente assumida, principalmente pela geração mais jovem, como a única forma de cultura Japonesa.

Apesar de ser um pensamento errado a muitos níveis, o Japão é definitivamente forte na sua cultural pop. Muitas empresas tiram proveito disso mesmo e usam o movimento Kawāii — かわいい —, 'fofo', e investem nela como forma de promover os seus produtos. Não deixa de ser uma parte importante da cultura japonesa e as animações adoráveis estão por todo o lado, desde anúncios de televisão e produtos de marcas profissionais, a mascotes e companhias aéreas.



21. Logotipo com forma redonda de uma loja de chá visitada



22. Dois jatos Pokémon da All Nippon Airways, 2006

## Influências

Com tanto para ver em Tokyo, Kyoto e Osaka, não posso deixar de referir alguns designers japoneses cujo trabalho me relacionei e inevitavelmente me influenciarão no meu trabalho no futuro. Acho importante mencionar também nomes de designers que expuseram em galerias que eu visitei em Tokyo.

### Kenya Hara

Kenya Hara — 研哉原 —, nascido em 1958, é um designer gráfico, tutor e escritor japonês, formado na Universidade de arte Musashino.

Kenya é um dos mais importantes designers do Japão, e um dos mais conhecidos mundialmente. Os livros "Designing Design" e "White" são reconhecidos por todo o mundo como exemplo a seguir.

Projetou os programas de cerimônia de abertura e conclusão dos Jogos Olímpicos de Inverno de Nagano em 1998. Desde 2001, trabalha como diretor de arte para a Muji (empresa que se destaca por seu minimalismo de design, ênfase na reciclagem, prevenção de desperdícios na produção e embalagem e política de não-logotipo ou "sem marca"). Também desenhou os posters oficiais da EXPO 2005 Aichi; Em 2008, entrou numa parceria com a marca Kenzo para o lançamento da fragrância masculina Kenzo Power; criou o sistema de sinalização para o Hospital de Umeda e a marca para o Museu de Arte de Nagasaki; trabalhou no rebranding da loja de departamentos Matsuya em Ginza; entre outros.

Hara transformou e fez avançar o design contemporâneo japonês através do próprio Design e ao mesmo tempo fez com que o design japonês fosse reconhecido fora do Japão.

O que faz Hara tão importante para mim como designer é sua capacidade de articular os seus pensamentos sobre o design japonês, sempre focando-se e vivendo no presente, utilizando recursos e ensinamentos do passado.

Numa entrevista para o the Japan Times, publicada a 14 de janeiro de 2014, Kenya Hara, quando falava sobre os recursos do Japão, disse:

"I'm particularly thinking about traditional aesthetics. I've identified four keywords related to this: sensai (delicateness), chimitsu (meticulousness), teinei (thoroughness or attention to detail) and kanketsu (simplicity)."

"Refiro-me particularmente à estética tradicional. Identifiquei quatro palavras-chave relacionadas com isto: sensai (delicadeza), chimitsu (pormenor), teinei (minuciosidade ou atenção aos detalhes) e kanketsu (simplicidade)."

É clara também a sua busca pelo "Branco" de mão dada com a "Simplicidade" na marca Muji. Chega até a descrever a Muji como conceito e não como design, isto por ter sido criado como uma espécie revolta contra o consumismo puro. Ele acredita que se precisamos de comprar uma toalha, devemos comprar uma toalha que sirva, em vez de uma toalha requintada e de marca. O que é 'inútil' deve ser descartado. Segundo ele, a Muji nasceu a partir de valores tipicamente japoneses, tais como a austeridade e a simplicidade. E esses são os valores que utiliza na maior parte do seu design.



23. Retrato de Kenya Hara; 2016, Itália; Fotografia pertence à "Abitare"

## Kohei Sugiura

Kohei Sugiura, nasceu em Tokyo em 1932, formou-se em Arquitetura, na Universidade de Artes de Tokyo em 1955.

O trabalho de Sugiura é muito vasto e variado. Vai da concepção e design de livros e revistas, até diagramas e infografias complexas. Escreveu extensivamente sobre comunicação visual, tipografia, percepção da música e iconografia, sempre com um foco particular nas tradições Japonesas e Asiáticas.

Apesar de não ser tão famoso como Kenya Hara, os trabalhos e pensamentos de Sugiura influenciaram designers não apenas no Japão, mas por todo o Mundo. Sugiura foi professor no Design College de Ulm, na Alemanha, entre 1964 e 1967, e professor de comunicação visual e design na Universidade de Design de Kobe, de 1989 a 2002. E desde abril de 2010, Sugiura trabalha como Diretor do Instituto de Pesquisa de Design Asiático da Universidade de Design de Kobe.

A parte que mais me fascina no trabalho de Sugiura, e a razão pela qual acho que ele deve ser mencionado entre os designers que influenciaram o meu projeto, é a experimentação com a tipografia e a imagem, criando uma composição visual que explode em sensações.



24. Retrato de Kohei Sugiura  
2003, China;



25. "Age of human dolls" de Kohei Sugiura  
Tokyo, 1974



26. Retrato de Tsuguya Inoue  
2014; Fotografia pertence à Dento-House

## Tsuguya Inoue

Tsuguya Inoue nasceu na prefeitura de Miyazaki em 1947. Os seus principais trabalhos incluem publicidade e direção de arte na PARCO, Suntory Inc., Comme des Garçons e Asahi Shimbun, para além dos seus trabalhos em publicação, música e programas de televisão.

As exposições com obras de Tsuguya Inoue que visitei, decorreu na Ginza Graphic Gallery (GGG) e tinham o nome de "Beginnings" e "The Burning Heaven".

Inoue tem sido amplamente elogiado pela sua sensibilidade, pela liberdade sem restrições que exhibe ao desenvolver projetos e pela sua criatividade vanguardista.

Nas obras de "The Burning Heaven" são utilizadas fotografias do sol, da lua, da luz, da água, de óleo, de plantas e outros para criar universos dinâmicos e surreais. Todos os posters da exibição são considerados as obras mais relevantes de Inoue e, segundo a guia de sala, foram selecionadas a dedo por entre suas inúmeras obras.

Para mim, alguns dos trabalhos expostos tiraram-me o fôlego, e não fiquei consolada até voltar à galeria de novo para relembrar a sensação.



27. Beginnings by Tsuguya Inoue;  
2019, GGG, Tokyo



28. TALKING THE DRAGON, by Tsuguya Inoue  
2010

## Livro no Japão

Tendo decidido criar uma publicação, não posso deixar de falar dos livros japoneses, e do seu estilo não convencional, aos olhos de um ocidental.

Curiosamente, os livros no Japão têm uma longa história, que não é assim tão diferente da ocidental. A maioria dos livros começou por ser copiada à mão até que, no período Edo (1603–1867), a impressão em xilogravura se tornou relativamente acessível e generalizada. A impressão com caracteres tipográficos móveis começou a ser usada a partir do final do século XVI, mas, por várias razões estéticas e tradicionais, a impressão em xilogravura e a cópia manual permaneceram dominantes até muito mais tarde.

Apesar de ser muito pouco usado hoje em dia, o papel washi, também conhecido como papel japonês, era o papel tradicionalmente usado. O facto de o papel ser durável e não quebrar com o tempo, contribuiu para a preservação de muitos livros. O tipo de papel ocidental, criado a partir de madeira, foi introduzido no período Meiji (1868 a 1912) e tem vindo a ser o tipo de papel utilizado até aos dias de hoje.

Existem muitos tipos de livros tradicionalmente japoneses.

A primeira característica não convencional, óbvia a apontar, é o facto de serem lidos da esquerda para a direita. Isto acontece, porque a escrita tradicionalmente japonesa é também feita da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Outra forma simples de reconhecer livros tradicionalmente japoneses, é pelo seu encadernamento. Existem muitos livros com tipos de encadernamentos típicos japoneses, mas as formas mais conhecidas são: O Kansubon — 卷子本 — ou Makimono — 巻物 —, que são na sua essência 'pergaminhos'; o Orihon — 折本 —, semelhantes a pergaminhos, mas em vez de enrolados, são dobrados; o Detchōsō — 粘葉装 —, cuja impressão de quatro páginas é feita na mesma folha, frente e verso, e depois de dobradas, as as páginas são coladas umas às outras, o mais comum neste tipo de construção do miolo é página-sim, página-não, o livro não abre completamente por causa da cola; Tetsuyōsō — 綴葉装 —, um estilo usado principalmente nos manuscritos, consiste na costura de cadernos, sem nenhum tipo de papel ou capa para ocultar a lombada; e, finalmente, Fukuro toji — 袋綴 — costura de folhas soltas, cuja forma mais tradicional é feita com quatro furos no papel, foi usada principalmente para livros impressos.

O tipo de encadernação que escolhi utilizar no meu projecto, foi Fukuro toji, na sua forma mais tradicional de quatro furos. Isto porque, para além do aspecto estético, aproximadamente 90% dos livros do período Edo foram encadernados desta forma.



29. Manuscrito "Kitsuki Tsukigase/Kai rai", escrito por Saito Seto em 1884, Shizuchika Kada, Japão.

# 東京の色

## “東京の色 – Japan's Colors - a designer's experimental journal “

O título da publicação traduz-se para ‘As cores de tokyo - um diário experimental de uma designer’. A razão pela qual escolhi o inglês como língua utilizada neste projeto é muito simples: O inglês é uma língua universal. Qualquer pessoa que saiba minimamente inglês pode ter acesso à publicação.

‘As cores de Tokyo’ é uma metáfora da minha percepção da cidade. Tokyo, além de bonita, é uma cidade gigantesca e a mais populosa do mundo.

Tem mais de 38.000.000.000 de pessoas. É uma quantidade inimaginável! Nós podemos ver os números, mas nunca vamos conseguir compreendê-los completamente. Só para dar uma ajuda: Tokyo tem quatro vezes a população de Portugal. Quatro vezes Portugal, com dentro de uma cidade. E isso sente-se, principalmente nas horas de ponta, em que o metro passa de dois em dois minutos em todas as linhas, e mesmo assim é praticamente impossível de entrar. Os japoneses conseguem. A imagem iconica e exagerada de pessoas a serem esbarrachadas contra o vidro não é irrealista neste contexto.

Mas o que mais me surpreendeu em Tokyo é que sempre que viajava dentro dos limites da cidade (de metro), parecia que estava noutra sítio completamente diferente. Tokyo é tão grande e cada lugar tem características proeminentes e tão diferentes umas das outras, que parece que fomos teletransportados para um lugar novo. Por ser tão grande e ter tanta população, tem um grande leque de lugares e ‘cores’ diferentes, que não encontramos numa cidade pequena como, por exemplo, o Porto.

Enquanto o Porto tem uma cor, Tokyo tem dezenas.

E todas elas são maravilhosas.

## Planeamento e metodologia

Tendo em conta que viajei para muito longe, numa viagem relativamente longa, tive que fazer trabalho de casa antes de viajar. E foi assim que passei uns belos meses do meu ano lectivo: a planear um mapa de viagem.

A viagem foi paga por mim, com o dinheiro que tinha vindo a juntar nos últimos anos a fazer trabalhos como designer, por isso, mesmo que quisesse, não tinha muito para gastar. A solução mais interessante que arranjei foi ficar em casa de uma família japonesa. Claro que paguei para lá ficar, mas comparado com hotéis, foi uma ninharia. Como já referi, a minha parte preferida de ficar numa casa com japoneses, foi os jantares com a família toda e como os restantes estudantes que como eu estavam alojados na casa dos Endō.

A nível de transportes, Tokyo é caríssimo, mas coisas como a comida barata començam esse facto.

Não consegui visitar tudo o que queria, mas isso dá-me uma desculpa para voltar a Tokyo.



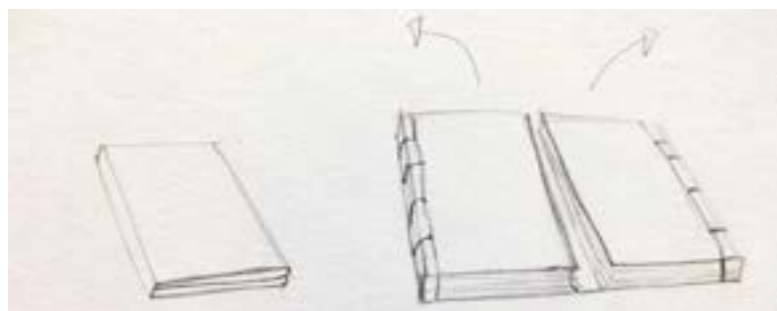
30. Plano/mapa com sítios marcados para visitar. Não cheguei a ir a todos.

## Processo criativo

Em Tokyo, não houve grande processo criativo além escrever um diário, fazer um esboço ocasionalmente para não me esquecer de ideias interessantes, tirar fotos a tudo o que era fotografável, recolher posters, flyers e revistas gratuitas das ruas, e aproveitar ao máximo o momento.

Uma vez em Portugal, a história foi diferente.

## Escolha do formato



31. Rascunho ideia para o formato do livro

Já tinha o meu tema, por isso passei à escolha do formato da publicação. E não foi uma escolha fácil, isto porque eu queria que o objecto final tivesse uma ligação óbvia com o tradicional Japonês, mas também queria que fosse um objeto que remetesse para as minhas origens ocidentais.

Resolvi então criar dois livros num só, em que um tem o relato em inglês, com alguns ensaios gráficos, e o outro tem principalmente caracteres japoneses e é mais experimental. Os livros podem ser lidos ao mesmo tempo, ou separadamente.

Quando fechada, a publicação tem um aspeto de livro normal, mas tem dois miolos separados, quando aberta. O miolo da esquerda é o escrito em inglês, e o da direita (que é lido da direita para a esquerda) é o escrito em japonês. A lombada é cozida com o estilo japonês Fukuro toji na sua forma mais simples e tradicional de quatro furos.

## Organização da publicação

A publicação chama-se 'As cores de Tokyo' porque, sendo um diário experimental, a narrativa não é contada apenas com palavras. Um dos conceitos japoneses que ficou comigo foi o Ensō. Acho que é uma filosofia que se pode aplicar a quase toda a vida. E viver o momento por ser a única coisa que 'temos' realmente, não desperdiçar tempo só porque sim, é um pensamento que aprendi a valorizar — agora tenho que aprender a organizar-me, porque de repente tenho tanta coisa para fazer, para não desperdiçar o meu tempo, que se calhar é demais —, e sinto-me muito mais completa e realizada comigo própria. Para representar o Ensō, a publicação é narrada em círculo, círculo este representado pelas cores que simbolizam o meu estado de espírito, ou um momento, ou mesmo um lugar em Tokyo.

Os primeiros dias em Tokyo foram horríveis, tinha as horas trocadas, o sol amanhecia muito cedo e estava a chover! É por isso representado com preto e cinzas: a cor do meu humor. As cores começam a aparecer e vão tornando-se quentes à medida que o livro vai avançando, acabando por voltar ao cinza e preto no final: quando a viagem acabou e eu não queria vir embora. O Ensō começa e acaba no cor preta, completando assim os vinte e nove dias na minha visita ao Japão.



32. 東京の色 escrito em Shodō

Tipografia

A tipografia que resolvi usar foi a Kozuka Gothic Pro6N, principalmente por ser não serifada e muito simples (Kanji já é difícil o suficiente sem uma fonte tipográfica complexa para confundir).

É composta por seis pesos diferentes: EL (Extra Light), L (Light), R (Regular) e M (Medium), B (Negrito) e H (Pesado), e a variedade facilita o seu uso. Contém os caracteres mais usados em japonês, incluindo seis mil trezentos e cinquenta e cinco kanji, kana, pontuação e outros símbolos e romanji — alfabeto latino.

Foi criada por Masahiko Kozuka e publicada pela Adobe Origins.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 庄 弁 布 刊
犯 示 再 仮 件 任
因 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 庄 弁 布 刊
犯 示 再 仮 件 任
因 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 庄 再 仮 件 任
犯 示 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 庄 再 仮 件 任
犯 示 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 示 再 仮 件 任
犯 示 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
あいうえおかきくけこさしすせそたちつてと
アイウエオカキクケコサシスセソタチツテト

久 仏 支 比 可 旧
永 句 示 再 仮 件 任
犯 示 団 在 舌 似 余
判 均 志 条 災 応

Expressão visual

Visualmente este projeto funciona muito à base de experimentação. Tentei experimentar um pouco das áreas tradicionais japonesas que me interessam, e juntá-las com o design.

A única que não está representada de forma óbvia é o Kinstugi. Todos os projetos tem os seus percalços de execução. O objeto final por si só representa o conceito de Kinstugi.

Objeto final



33. Objeto final

# 結論

## Considerações finais

### Conclusões gerais

O Mundo está cada vez mais pequeno. Estamos cada vez mais próximos de outros países e por sua vez outras culturas. Estamos à distância de umas horas de voo de sítios do outro lado do Mundo.

Neste momento, há o que se pode considerar uma febre de cultura japonesa, principalmente da cultura popular. Eu cresci com isso. Lembro-me de ser pequena e de ver Dragon-ball e Sailor Moon na televisão. Desde esse tempo, que tem vindo a crescer. Diz-se até que agora “anda tudo louco” com a cultura pop japonesa. É uma pena que seja só com a cultura pop. Claro que a cultura pop Japonesa é tão distinta da nossa, que é difícil não a achar encantadora, mas o Japão é um país com uma história enorme e cheia de maravilhas artísticas e arquitetónicas! A própria Língua japonesa é uma obra de arte por si só! No entanto não há muita gente que relacione o Japão diretamente com a arte tradicional Japonesa. Tudo o que as massas vêm é a cultura pop/de massas, e é uma pena, porque com o Mundo cada vez mais pequeno, seria de esperar que houvesse mais gente interessada em algo mais do que cultura de massas. É um círculo, por consequência de o Mundo estar cada vez mais pequeno, cada vez é mais fácil de obter informação, então as pessoas não a procuram.

Neste relatório apresentei uma explicação pequena das artes tradicionais Japonesas que mais me fascinaram, por isso espero que quem tenha acesso a ele fique com umas noções básicas (só com vinte e nove dias no Japão só consegui acesso à superfície dos temas que descrevo) e que vá à procura de mais, como eu certamente farei.

### Conclusões acerca do projeto

O objeto final é uma mistura de tudo e nada, porque é um objeto de design experimental e é provável que sem a leitura do relatório seja uma publicação visualmente difícil de perceber; dir-se-ia até incoerente. Porque a única coisa que à primeira vista liga as páginas é o meu relato.

Estou muito satisfeita, não só com o resultado em si, mas com tudo o que me trouxe até a este ponto. 2019 foi, até agora (só vamos a meio), o melhor ano da minha vida, e devo praticamente tudo a este projeto e a este mestrado. Não mudaria grande coisa.



# 結論

## Referências bibliográficas

### Bibliografia

Schmid, H., & Weingart, W. (2015). *Typography today* タイポグラフィトゥデイ. Tokyo, Japan: Seibundo Shinkosha Publishing Co., Ltd.

Dienupiatokomyunikeshonzu. (2008). *The Best In International Typography & Design* vol 19. Tōkyō.

Kataoka, A. (2006). *文字本 Mojihon*. Tōkyō: Seibundō Shinkōsha.

Nakata, Y. (1973). *The art of Japanese calligraphy*. New York.

Furea, koji, & Osato, koji. (2013). *デザインと文字の見本帳* Dezaian & moji no mihoncho.

Satō Naoki. (2017). *レイアウト、基本の「き」* Reiauto kihon no ki. Tōkyō: Gurafikkusha.

Toshiro, K. (2015). *パーツ別・レイアウトスタイルブック* Patsu-betsu reiautosutairubukku.

Ishida, K. (2003). *レイアウト アイデア 見本帳* Reiauto aidea mihonchō = Layout idea book. Tōkyō: Emudienukōporēshon.

Seibundōshinkōsha. (2013). *イラストノート 特集本の仕事* Irasutonoto Hon no shigoto. Tōkyō.

### Web

[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_writing\\_system](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_writing_system)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_language](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_language)

<https://en.wikipedia.org/wiki/Kana>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Hiragana>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Katakana>

<http://nihongo.monash.edu/jouyoukanji.html>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Ens%C5%8D>

<https://www.invaluable.com/blog/japanese-calligraphy/>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_calligraphy](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_calligraphy)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Taito\\_\(kanji\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Taito_(kanji))

[https://en.wikipedia.org/wiki/Dai\\_Kan-Wa\\_Jiten](https://en.wikipedia.org/wiki/Dai_Kan-Wa_Jiten)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Waka\\_\(poetry\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Waka_(poetry))

[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_mythology](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_mythology)

<https://en.wikipedia.org/wiki/Kami>

<https://allabout-japan.com/en/article/2750/>

[https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Japanese\\_folklore\\_and\\_mythology](https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Japanese_folklore_and_mythology)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_folklore](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_folklore)  
<https://www.faena.com/aleph/articles/the-legend-of-the-bamboo-cutter-and-the-princess-of-the-moon/>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Tale\\_of\\_the\\_Princess\\_Kaguya](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Tale_of_the_Princess_Kaguya)  
<https://www.wdl.org/en/item/7354/>  
<https://www.ndc.co.jp/hara/>  
<https://vimeo.com/265567658>  
<https://www.japantimes.co.jp/life/2014/01/04/style/kenya-hara-future-design/#.XXknZJNKh27>  
[http://tdctokyo.org/eng/?award=09\\_tsuguya-inoue](http://tdctokyo.org/eng/?award=09_tsuguya-inoue)  
<https://www.highsnobiety.com/p/tsuguya-inoue-beginnings-exhibition/>  
[http://www.dnp.co.jp/CGI/gallery/exhibition/detail.cgi?s\\_gallery\\_from\\_y=&s\\_gallery\\_from\\_m=&s\\_gallery\\_from\\_d=&s\\_gallery\\_to\\_y=&s\\_gallery\\_to\\_m=&s\\_gallery\\_to\\_d=&s\\_type=1&s\\_search=&s\\_keyword=&l=2&t=1&p=1&seq=00000738](http://www.dnp.co.jp/CGI/gallery/exhibition/detail.cgi?s_gallery_from_y=&s_gallery_from_m=&s_gallery_from_d=&s_gallery_to_y=&s_gallery_to_m=&s_gallery_to_d=&s_type=1&s_search=&s_keyword=&l=2&t=1&p=1&seq=00000738)  
<http://npo-plat.org/sugiura-kohei-en.html>  
<http://www.paperposts.me/posts/2018/3/17/glorious-japanese-data-visualisation>  
<https://www.printing-museum.org/en/exhibition/pp/190413/>  
<http://rcc.recruit.co.jp/g8/exhibition/201905/201905.html?lang=en>  
<http://rcc.recruit.co.jp/g8/exhibition/201904/201904.html?lang=en>  
<http://irobe.ndc.co.jp/>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Sanja\\_Matsuri](https://en.wikipedia.org/wiki/Sanja_Matsuri)  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Asakusa\\_Shrine](https://en.wikipedia.org/wiki/Asakusa_Shrine)  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Sens%C5%8D-ji>  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Mikoshi>  
<https://culturalexplorer.com/omikuji-fortune-japan/>  
<https://www.patternz.jp/omikuji-fortune-slip-japan/>  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Kintsugi>  
<https://www.lifegate.com/people/lifestyle/kintsugi>  
<https://www.fujiarts.com/cgi-bin/main.pl>  
<https://www.kumon-ukiyoe.jp/en/history.php>  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Ukiyo-e>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Great\\_Wave\\_off\\_Kanagawa](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Great_Wave_off_Kanagawa)  
<https://www.tsunagujapan.com/20-facts-you-probably-didnt-know-about-ukiyoe/>  
<http://blog.paperblanks.com/2016/02/stab-binding-5-things-to-know-about-this-classic-bookbinding-technique/>  
[https://www.ndl.go.jp/en/preservation/pdf/Japanese\\_Four-Hole\\_Book\\_Binding.pdf](https://www.ndl.go.jp/en/preservation/pdf/Japanese_Four-Hole_Book_Binding.pdf)  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Manga>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_books](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_books)  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Ame\\_ni\\_mo\\_Makezu](https://en.wikipedia.org/wiki/Ame_ni_mo_Makezu)

<https://en.wikipedia.org/wiki/By%C5%8Dbu>  
<https://fonts.adobe.com/fonts/kozuka-gothic-pr6n#fonts-section>  
<https://www.pinterest.pt/usagchi/lolita-art/>  
<https://en.wikipedia.org/wiki/T%C5%8Dr%C5%8D>

## Imagens

8. <http://mesosyn.com/myth2j.html#Creation>  
 10. <https://i1.wp.com/artforia.com/wp-content/uploads/2017/02/Sanja-Matsuri-Dulu-Menjadi-Festival-Kalangan-Yakuza-1.jpg?ssl=1>  
 11. <https://www.japan-guide.com/e/e3063.html>  
 13./14. <https://en.wikipedia.org/wiki/Ukiyo-e>  
 15. [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Great\\_Wave\\_off\\_Kanagawa](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Great_Wave_off_Kanagawa)  
 19. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hand\\_Pinted\\_Kintsugi\\_Pottery\\_Bowl.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hand_Pinted_Kintsugi_Pottery_Bowl.jpg)  
 22. [https://en.wikipedia.org/wiki/Pok%C3%A9mon\\_Jet](https://en.wikipedia.org/wiki/Pok%C3%A9mon_Jet)  
 23. [http://www.abitare.it/en/architecture/projects/2016/08/21/house-vision-kenya-hara-en/?refresh\\_ce=cp](http://www.abitare.it/en/architecture/projects/2016/08/21/house-vision-kenya-hara-en/?refresh_ce=cp)  
 24. <https://www.wikidata.org/wiki/Q11253420>  
 25. Schmid, H., & Weingart, W. (2015). *Typography today* タイポグラフィトゥデイ. Tokyo, Japan: Seibundo Shinkosha Publishing Co., Ltd.  
 26. <http://dento-house.com/en/designer/tsuguya-inoue/>  
 29. [https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese\\_books](https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_books)